

Perfil de ansiedade-traço em atletas praticantes de esportes adaptados em Minas Gerais

Gizele Aparecida Gonçalves¹, Rachel Cardinale de Paula Vilaça², Thiago Jeronimo Paixão³, Beatriz Magalhães Pereira⁴, Camila Cristina Fonseca Bicalho⁵, André de Assis Lauria⁶, João Roberto Ventura de Oliveira⁷, Ingrid Ludimila Bastos Lôbo^{8}*

^{1,2,3}Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibirité

^{4,5,6,7,8}Departamento de Ciências do Movimento Humano, Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibirité
ORCID: ¹0000-0002-8962-1983, ²0000-0002-7312-1378, ³0000-0002-6631-5932, ⁴0000-0003-4953-1550, ⁵0000-0001-5413-1290, ⁶0000-0003-4296-277X, ⁷0000-0003-3513-0211, ⁸0000-0002-4159-7072

* e-mail para correspondência: ingrid.lobo@uemg.br

RESUMO

O esporte apresenta diferentes situações que podem ser estressantes, levando a efeitos negativos no desempenho. A ansiedade-traço é um componente da personalidade do indivíduo, que indica uma tendência a responder com maior frequência e intensidade as situações julgadas como ameaçadoras, causando respostas de um estado de emocional desproporcional ao contexto. Foi objetivo do estudo identificar o perfil de ansiedade-traço de atletas de esportes adaptados. Participaram 45 paratletas com idade média de 27,4 anos ($\pm 10,6$) e tempo médio de experiência na modalidade de 5,9 anos ($\pm 4,06$). Os resultados indicaram que nas modalidades Atletismo, Bocha, Futebol de Cegos, Futebol de 7, Goalball, Rugby em Cadeira de Rodas, Tênis de Mesa e Voleibol Sentado, os atletas alcançaram valores classificados como ansiedade-traço média e na modalidade Judô, o valor indicado foi classificado como ansiedade-traço média-baixa. Conclui-se que os paratletas avaliados neste estudo apresentaram predisposição para interpretar situações com maiores níveis de ansiedade, sendo indicado um trabalho com profissionais específicos para intervenção e treinamento das habilidades emocionais. A avaliação de parâmetros psicológicos é uma área de conhecimento importante, visto que o melhor desempenho emocional dos atletas contribui para a melhoria da execução das ações físicas, técnicas e táticas. Essa pesquisa foi realizada com auxílio do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq/UEMG).

Palavras-chave: Ansiedade; Paratleta; Paradesporto.

Trait anxiety profile in athletes practicing adapted sports in Minas Gerais

ABSTRACT

The sport presents different situations that can be stressful, leading to negative effects on performance. The trait anxiety is a component of the individual's personality, which indicates a tendency to respond more frequently and intensely to situations judged as threatening, causing responses of an emotional state disproportionate to the context. The aim of the study was to identify the anxiety-trace profile of athletes of adapted sports. Participated 45 athletes with disabilities with a mean age of 27.4 ± 10.6 years and a mean time of experience in the modality of 5.9 ± 4.06 years. The results indicated that in the modalities Athletics, Boccia, Football for the Blind, Football of 7, Goalball, Wheelchair Rugby, Table Tennis and Sitting Volleyball, the athletes reached values classified as trait anxiety medium, and in Judo modality, the value indicated was classified as trait anxiety medium-low. It is concluded that the athletes with disabilities evaluated in this study presented a predisposition to interpret situations with bigger anxiety levels, being indicated a work with specific professionals for intervention and training of the emotional abilities. The evaluation of psychological parameters is an important area of knowledge since the best emotional performance of the athletes contributes to the improvement of the execution of physical, technical, and tactical actions. This research was carried out with the support of the Institutional Research Support Program of Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq/UEMG).

Keywords: Anxiety; Athletes with disabilities; Parasport.

INTRODUÇÃO

A competição, que é uma característica inerente ao esporte, consiste em um processo que demanda a regulação de diferentes fatores relacionados com o treinamento e com a superação de limites físicos e mentais (FABIANI, 2009). Dessa forma, os atletas são frequentemente confrontados em situações de pressão, sendo que o bom desempenho esportivo está relacionado com a capacidade de sobrepujar tais circunstâncias (HANTON; THOMAS; MELLALIEU, 2009; NOCE; SAMULSKI, 2002).

Destaca-se que, mesmo atletas bem treinados nos aspectos técnicos, táticos e físicos, podem experimentar efeitos negativos no rendimento esportivo, advindos de respostas decorrentes das situações de estresse (CORRÊA, 2016). No contexto esportivo, “a ansiedade é uma resposta à percepção do estresse em situações de desempenho de uma tarefa sob pressão” (CHENG; HARDY; MARKLAND, 2009, p. 271). Isto é, a elevação do nível de estresse competitivo pode provocar maiores níveis de ansiedade (MORAES, 1990), desencadeando reações fisiológicas e emocionais (CASTELO; PEREIRA, 2022).

A ansiedade é definida a partir de dois componentes, sendo o estado psicofisiológico (ansiedade-estado) e o traço de personalidade (ansiedade-traço) (LEAL *et al.*, 2017). O primeiro se refere a um estado emocional temporário, diante uma situação de tensão. Por exemplo, o atleta demonstra nervosismo e preocupação durante o momento da competição. O segundo é uma característica da personalidade do indivíduo que pode influenciar o comportamento, causando uma predisposição para perceber as situações como ameaçadoras (WEINBERG; GOULD, 2017).

Ressalta-se que, existe uma relação entre a ansiedade-traço e a ansiedade-estado, na qual os atletas com níveis mais altos de ansiedade-traço tendem a interpretar, subjetivamente, as situações como mais estressantes, respondendo com um maior nível de ansiedade-estado (SMOLL; SMITH; CUMMING, 2007). Adicionalmente, altos níveis de ansiedade-estado podem afetar na percepção das situações e na capacidade de tomada de decisões (CARVALHO, 2010). Em contrapartida, atletas com níveis mais baixos de ansiedade-estado tendem a alcançar melhores resultados nas competições (SAMULSKI, 2009).

Dessa forma, a participação de atletas nas competições demanda níveis avançados de desempenho em diferentes aspectos, incluindo a preparação psicológica (ARAÚJO *et al.*, 2013). E quando se trata de esportes adaptados não é diferente, os atletas possuem rotinas de

treinamento e competição com grandes níveis de exigências, sendo essenciais treinamentos específicos para o gerenciamento das emoções relacionadas à competição (ARAÚJO *et al.*, 2013). Salienta-se que, a prática de esportes adaptados proporciona a integração social de pessoas com deficiência (PcD), melhorias no bem-estar e na qualidade de vida, benefícios em relação à prevenção de doenças secundárias à deficiência e a experimentação da sensação de empoderamento e excelência a partir dos resultados nas competições (CARDOSO, 2011; MAUERBERG-DECASTRO; CAMPBELL; TAVARES, 2016; MELO; LÓPEZ, 2002).

Diante disso, observa-se o crescimento do número de PcD em busca da prática de esportes adaptados. Por exemplo, nas Paralimpíadas Escolares de 2019, participaram 1212 atletas, representando um aumento de 22% em relação ao número de atletas participantes da edição do ano anterior (PATATAS *et al.*, 2021). Adicionalmente, houve avanços nas condições de treinamento e no nível de desempenho dos atletas (MARQUES *et al.*, 2009), tais como o aprimoramento da tecnologia de equipamentos (VANLANDEWIJCK; THEISEN; DALY, 2001) e o monitoramento das cargas de treinamento (SIMIM *et al.*, 2017). Contudo, é fundamental compreender que, para além do desenvolvimento de aspectos físicos, técnicos e táticos é importante considerar os impactos dos fatores psicológicos no processo da preparação esportiva (GORLA *et al.*, 2017; ROSA *et al.*, 2020). Para isso, este estudo teve como objetivo identificar o perfil de ansiedade-traço de atletas praticantes de esportes adaptados.

MÉTODO

Essa pesquisa foi realizada com auxílio do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq/UEMG). Trata-se de uma pesquisa quantitativa, que foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (CAEE: 40490620.1.0000.5525).

A coleta de dados ocorreu entre os meses de junho e novembro do ano de 2021, durante o período da Pandemia SARS/COVID-19. Inicialmente, foram contactados os coordenadores técnicos de associações, instituições ou clubes com atletas praticantes de esportes adaptados em Minas Gerais. Foram esclarecidas todas as informações sobre o estudo e os instrumentos. Foi também solicitada a assinatura de um Termo de Anuência. Após a autorização, foi enviado o convite para os atletas por meio de correio eletrônico ou aplicativo *Whatsapp*. Para aqueles que concordaram em participar, foram enviados os Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (para os responsáveis por participantes com idade abaixo de 18 anos), bem como os instrumentos para a coleta de dados. Destaca-se que todos os dados foram coletados por *links* na plataforma *Google* Formulários, visando evitar o contato com os participantes e atender as recomendações de distanciamento social.

A amostra foi selecionada por conveniência, sendo composta por atletas praticantes de esportes adaptados, com idade igual ou superior a 14 anos e com tempo mínimo de 2 anos de experiência e que estivessem filiados a associações ou instituições de paradesporto de Minas Gerais.

Participaram do estudo 45 atletas de cidades de Minas Gerais, sendo 36 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. A idade média dos participantes foi de 27,4 anos ($\pm 10,6$) e o tempo médio de experiência na modalidade foi de 5,9 anos ($\pm 4,06$). Em relação ao tipo de deficiência, participaram 12 atletas com deficiência visual e 33 atletas com diferentes deficiências físicas, tais como lesão medular espinhal, paralisia cerebral, amputações e malformação congênita em membros superiores e/ou inferiores.

Na tabela 1 estão apresentadas as informações sobre o tipo de esporte praticado, o tempo de prática esportiva (em anos) e a frequência de treinamentos realizados por semana. Sobre o tempo de experiência, verificou-se que 57,7% (n=26) dos atletas apresentaram de 2 a 5 anos de experiência na modalidade praticada; 22,3% (n=10) tinham entre 6 e 10 anos e 20% (n=9) praticavam há mais de 10 anos. Em relação a frequência semanal de treinamentos, observou-se que 26,6% (n=12) dos atletas praticavam apenas uma vez por semana, 31,1% (n=14) treinavam duas vezes por semana, 22,3% (n=10) três vezes por semana e 13,4% (n=6) quatro vezes ou mais por semana.

Tabela 1. Números de atletas por modalidade, tempo de experiência e treinamento semanal.

Modalidade	Participantes	Experiência (anos)			Treinamento Semanal			
		2 a 5	6 a 10	+10	1x	2x	3x	+4x
Atletismo	5	5	-	-	1	2	2	-
Bocha	5	5	-	-	3	2	-	-
Futebol de Cegos	7	7	-	-	-	2	3	2
Futebol de 7	4	-	4	-	2	2	-	-
Goalball	4	-	4	-	1	3	-	-
Judô	1	1	-	-	-	-	-	1
Rugby em CR	11	3	1	7	-	3	5	3
Vôlei Sentado	6	5	-	1	5	1	-	-
Tenis de Mesa	2	-	1	1	-	1	1	-

Fonte: Elaborado pelos autores

O protocolo de avaliação foi composto por dois instrumentos, sendo uma ficha de identificação dos participantes e um instrumento de avaliação de ansiedade-traço. O primeiro instrumento visou a identificação de informações como data de nascimento, sexo, tipo de deficiência, esporte praticado e tempo de prática esportiva.

O segundo instrumento foi a Escala de Ansiedade-Traço Competitiva (SCAT) que foi desenvolvido por Martens (1977) e traduzido e adaptado para o português por De Rose Júnior (1985). A escala é composta por 15 itens indicadores de ansiedade-traço em competições. As respostas dos itens são organizadas em uma escala do tipo *Likert* de três pontos, organizada em: "A" Raramente; "B" Às vezes; "C" Sempre. Para a análise dos escores, os pontos são atribuídos como A=1; B=2 e C=3, com exceção das afirmativas 6 e 11, cujos valores são invertidos. O escore total variade 10 a 30 pontos (LÔBO *et al.*, 2009), conforme a classificação apresentada na tabela 2. Os dados foram analisados através de estatística descritiva realizou-se através de média (tendência central) e desvio padrão (dispersão) e foram comparados com os valores normativos de referência. As análises foram realizadas no software *SPSS* versão 21.0.

Tabela 2. Tabela normativa referente a classificação dos níveis de ansiedade-traço.

Pontuação	Classificação
10 a 12	Baixa
13 a 16	Média baixa
17 a 23	Média
24 a 27	Média alta
+28	Alta

Fonte: Adaptado de Teixeira (1994)

RESULTADOS

Os resultados indicaram que a média geral para os atletas foi de $19,0 \pm 3,28$ pontos, sendo classificada como “média” ansiedade-traço. Em relação ao perfil de ansiedade-traço por sexo, verificou-se que as atletas do sexo feminino apresentaram escores de $19,77 \pm 2,97$ pontos e para os atletas do sexo masculino os valores foram de $18,33 \pm 3,48$ pontos, ambos também classificados como “média” ansiedade-traço. A distribuição amostral entre atletas sexo masculino ($n=36$) e sexo feminino ($n=9$) não apresentou proporcionalidade, inviabilizando análises inferenciais.

Na tabela 3 estão apresentados os resultados das médias e do desvio padrão dos escores de ansiedade-traço de acordo com as modalidades esportivas. Para modalidade Judô, como a amostra foi composta por apenas um atleta, não foi possível estimar o desvio padrão.

Tabela 3. Classificação dos níveis de ansiedade-traço em esportes adaptados.

Modalidade	Ansiedade-Traço (M \pm DP)	Classificação
Atletismo	$20,80 \pm 3,27$	Média
Bocha	$19,80 \pm 3,56$	Média
Futebol de Cegos	$18,00 \pm 4,39$	Média
Futebol de 7	$18,25 \pm 2,06$	Média
Goalball	$21,75 \pm 3,94$	Média
Judô*	16,00	Média Baixa
Rugby em Cadeira de Rodas	$19,09 \pm 2,84$	Média
Voleibol Sentado	$17,00 \pm 2,40$	Média Baixa
Tênis de Mesa	$19,50 \pm 0,70$	Média

Legenda: M: Média, DP: Desvio Padrão. * amostra foi composta por apenas um atleta.

Fonte: Elaborado pelos autores.

DISCUSSÃO

Este estudo avaliou o perfil de ansiedade-traço de atletas praticantes de esportes adaptados e verificou que nas modalidades Atletismo, Bocha, Futebol de Cegos, Futebol de 7, Goaball, Rugby em Cadeira de Rodas, Tênis de Mesa e Voleibol Sentado, os atletas apresentaram níveis médios de ansiedade-traço. Apenas na modalidade Judô, o escore da ansiedade-traço indicou a classificação média-baixa. Este resultado acende um alerta para as equipes que atuam na formação e especialização de atletas paralímpicos, reforçando a necessidade de um treinamento das habilidades emocionais inseridas dentro do protocolo de treinamento (ARAÚJO *et al.*, 2013; CASTELO; PEREIRA, 2022; CÔRREA, 2016).

Esses resultados estão em consonância com o estudo de Lôbo *et al.* (2009), que ao avaliarem os níveis de ansiedade-traço em nadadores paralímpicos de alto rendimento, identificaram valores de 19,75 pontos para as atletas do sexo feminino e 20,67 pontos para as atletas do sexo masculino. Em geral, atletas com menores níveis de ansiedade-traço são os que alcançam os melhores resultados de desempenho nas competições, incluindo a conquista de medalhas (MORAES, 1990; SANTOS *et al.*, 2013). De forma similar, Castelo e Pereira (2022) avaliaram os níveis de ansiedade-traço de atletas de rugby em cadeira de rodas, cujos resultados indicaram que a maioria dos atletas (cerca de 80%) foram classificados com níveis médios de ansiedade-traço. No presente estudo, na modalidade rugby em cadeira de rodas, os escores de ansiedade-traço também foram classificados como médios.

No que tange a avaliação da ansiedade-traço em situação de pré-competição, no estudo de Maravieski, Calegari e Gorla (2007) verificou-se que atletas de basquetebol em cadeira de rodas, apresentaram escores de ansiedade-traço classificados como média alta e alta. Além disso, os resultados de desempenho na competição não foram satisfatórios e os autores apontam possíveis relações com os níveis de ansiedade-traço. Em consonância, no estudo de Silva *et al.* (2012) no qual foram avaliados 27 atletas paralímpicos de atletismo, verificou-se que 72% dos atletas apresentaram níveis aumentados de ansiedade, com impactos negativos na qualidade do sono. Para Santos *et al.* (2013), as respostas de ansiedade em situações de competição podem ser justificadas pela percepção subjetiva do atleta sobre a importância do evento e por dificuldades em atender às necessidades de desempenho.

De forma semelhante, no estudo de Mota *et al.* (2020) que investigaram atletas de futsal com Síndrome de Down, foi demonstrado que, todos os participantes apresentaram altos níveis de ansiedade-traço quando expostos ao ambiente de competição, mas não foram encontrados escores altos de ansiedade-estado. Moraes (1990) aponta que altos níveis de ansiedade podem distorcer a percepção do atleta em relação ao meio e causar reações erradas em momentos decisivos. Contudo, nem todo nível de ansiedade é nociva, visto que é necessário um nível de ativação ideal para o bom desempenho esportivo (ANDERSEN *et al.*, 2014).

Nesse contexto, no estudo de Araújo *et al.* (2013) avaliou-se a associação entre ansiedade-traço e vitórias em um campeonato de Goalball. Os resultados indicaram que não houve associação significativa entre o número de vitórias e os níveis de ansiedade-traço. Além disso, os atletas mais vitoriosos, contabilizando os confrontos já realizados em sua carreira esportiva, apresentaram níveis altos de ansiedade antes do jogo. Dessa forma, compreende-se que atletas

com altos níveis de ansiedade-traço podem experimentar situações que exigem maior desempenho e não perceber estas situações como uma ameaça e, portanto, não apresentar o aumento de ansiedade correspondente ou qualquer prejuízo associado ao rendimento esportivo.

De forma complementar, Interdonato *et al.* (2010) indicam que, nos esportes individuais, os atletas não compartilham responsabilidades, expondo-se à avaliação direta, resultando no fato de que estresse físico e psicológico podem se tornar mais presentes, causando o aumento concomitante dos níveis de ansiedade-traço. Os autores também especularam que, nos esportes coletivos a presença de companheiros de equipe talvez possa ajudar a reduzir a pressão acerca dos resultados, explicando o fato de existirem níveis mais altos de ansiedade entre os atletas de esportes individuais em comparação com os dos esportes coletivos. No presente estudo, o maior número de atletas (n=32) eram praticantes de esportes coletivos, o que também pode ter influenciado nos valores relativos aos níveis de ansiedade-traço.

Elucida-se ainda que, atletas com altos níveis de ansiedade-traço podem adquirir habilidades de controle dessa emoção e reduzir seus sentimentos em situações de avaliação (WEINBERG; GOULD, 2017). Para Nunes (2017) o estresse é necessário, até certo ponto, para a manutenção e para o aprimoramento da capacidade funcional, autoproteção e autoconsciência limite, uma vez que o estresse pode gerar níveis de ativação em indivíduos, proporcionando adaptação a novas situações.

Portanto, considera-se que os atletas devem, de forma regular, apresentar capacidades de regulação das emoções para gerenciar adequadamente os fatores e as circunstâncias inerentes ao esporte competitivo. Adicionalmente, o bom estado emocional para a competição é fundamental para a motivação e manutenção do desempenho necessários ao sucesso esportivo (HANIN, 2000; NUNES, 2017). Nesse viés, a avaliação de parâmetros psicológicos em atletas do para-desporto pode colaborar com produção de indicadores necessários para o delineamento das ações ao longo dos períodos de treinamento e competição (NOCE; MELO, 2021).

Como limitação do presente estudo, destaca-se que a coleta de dados ocorreu durante o período da Pandemia SARS/COVID-19 e a maioria dos atletas avaliados não participaram de competições. A ausência de eventos competitivos pode ter influenciado nas respostas dos atletas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os atletas avaliados apresentaram níveis moderados de ansiedade-traço, o que pode implicar num menor controle de ansiedade-estado em situações competitivas. Além disso, é possível que ocorram mudanças desses parâmetros ao longo do período de treinamento, especialmente com a aproximação das fases das competições. Recomenda-se o monitoramento dos diferentes parâmetros psicológicos, que podem influenciar no resultado do desempenho esportivo. Além disso, avançar na compreensão das respostas psicológicas favorece a promoção de aprimoramentos no planejamento da preparação de atletas praticantes de esportes adaptados.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq/UEMG).

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, T. R. et al. Effect of football or strength training on functional ability and physical performance in untrained old men. **Scandinavian Journal of Medicine Science Sports**, v. 24, n. 1, p. 76–85, 2014. Disponível em:
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/sms.12245>

ARAÚJO, N. D. et al. Ansiedade pré-competitiva em atletas do campeonato brasileiro de goalball. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 12, n. 4, p. 57-66, 2013.

CARDOSO, V. D. A. A reabilitação de pessoas com deficiência através do esporte adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, p.529-539, abr./jun. 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbce/a/KVK8XWkSVGyMZLxqXgB8kqH/abstract/?lang=pt>

CARVALHO, T. L. **A Influência do Stress e da Ansiedade no Desempenho Esportivo e a Importância do Treinamento Psicológico**. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES. Brasília. Monografia: 2010.

CASTELO, T. B.; PEREIRA, R. Avaliação de estado e traço de ansiedade em paratletas de rugby em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Reabilitação e Atividade Física**, v.11, n.1, p. 11-23, jul. 2022. Disponível em:
<https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/rbraf/article/view/1323>

CHENG, W. N. K.; HARDY, L. MARKLAND, D. Toward a three-dimensional conceptualization of performance anxiety: Rationale and initial measurement development. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 10, n. 2, p. 271–278, 2009. Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1469029208000770>

CORRÊA, W. H. Basquete sobre rodas: Análise da ansiedade pré-competitiva. **Revista da Sobama**, v. 17, n.2, p. 31-36, Jul/dez., 2016. Disponível em:
<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/6828>

DE ROSE JÚNIOR, D. **Influência do grau de ansiedade-traço no aproveitamento de lances-livres**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo – Escola de Educação Física, 1985.

FABIANI, M. T. Psicologia do Esporte: A ansiedade e o estresse pré-competitivo. In: **Congresso Nacional de Educação: EDUCERE**, v.8, 2009.

GORLA, J. I. et al., Composição corporal e perfil somatotípico de atletas da seleção brasileira de futebol de 5. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 1, p. 79–84, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/FNf3gbynksnMPfPfkbyS84s/abstract/?lang=pt>

HANIN, Y. L. **Emotions in Sport**. Champaign. USA: Ed. Human Kinetics, 2000.

HANTON, S.; THOMAS, O.; MELLALIEU, S. D. **Management of Competitive Stress in Elite Sport**. In: Sport Psychology. Oxford, UK: Wiley-Blackwell, p.30-42, 2009.

INTERDONATO, G. C. et al., Análise da ansiedade traço competitiva em jovens atletas.

Conexões, v.8, n. 3, p1-9, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637722>

LEAL, P. C.; GOES, T. C.; DA SILVA, L. C. F.; TEIXEIRA-SILVA, F. Trait vs. state anxiety in different threatening situations. **Trends in psychiatry and psychotherapy**, v.39, p.147-157, 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/trends/a/R84KJgHvnjZsxR8FL78yg5D/abstract/?lang=en>

LÔBO, I. L. B. et al. Ansiedade-traço em nadadores paraolímpicos: Um estudo comparativo.

Coleção Pesquisa em Educação Física, v. 8, n. 1, p. 71-78, 2009.

MARAVIESKI, A. L. M; CALEGARI, D. R.; GORLA, J. I. Níveis de ansiedade-traço e pré-competitiva dos atletas com deficiência do basquetebol em cadeiras de rodas no

campeonato paranaense. **EfDeportes Revista Digital**, ano 11, n. 106, 2007. Disponível em:

<https://efdeportes.com/efd106/niveis-de-ansiedade-dos-atletas-do-basquetebol-em-cadeiras-de-rodas.htm>

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.23, n.4, p.365-77, out./dez. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbefe/a/XbKyWDkTZvw7p9HsdtDbMVw/abstract/?lang=pt>

MARTENS, R. **Sport Competition Anxiety Test**. University of Illinois: Human Kinetics Publishers, 1977.

MAUERBERG-DECASTRO, E.; CAMPBELL, D. F.; TAVARES, C. P. The global

reality of the paralympic movement: challenges and opportunities in disability sport. **Motriz**, v. 22, p. 111-123, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/motriz/a/csCyztNpz7vZQjXk9KpdkN/?lang=en>

MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. O Esporte Adaptado. **EfDeportes - Revista Digital**, v. 8, n. 51, 2002. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd51/esporte.htm>

MORAES, L.C. Ansiedade e desempenho no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 4, no. 02, p. 51-56, 1990.

MOTA, D. S. et al. Perfil antropométrico, qualidade do sono e ansiedade em atletas de futsal com Síndrome de Down no período competitivo. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v.12, n.49, p.406-419, 2020. Disponível em:

<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/971>

NOCE, F.; SAMULSKI, D. M. Análise do estresse psíquico em atacantes no voleibol de alto nível. **Revista Paulista de Educação Física**, [S. l.], 2002.

NUNES, N. **Avaliação da percepção de estresse e recuperação, da ansiedade e das concentrações de cortisol em atletas da seleção brasileira de futebol de sete paralímpica**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2017.

PATATAS, J. M. et al. Evolução da gestão e organização do esporte paralímpico no cenário brasileiro. In: SILVA, A.; MELLO, M. T. **Esporte Paralímpico da Organização ao Alto Rendimento**. São Paulo: Editora dos Editores, 2021.

ROSA, J. P. et al. Association between Hormonal Status, Stress, Recovery, and Motivation of Paralympic Swimmers. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32004120/>

SAMULSKI D.M. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas**. São Paulo: Manole. 2009.

SANTOS, A. R. M. et al. Ansiedade pré-competitiva em jovens atletas de nado sincronizado: uma análise à luz dos aspectos emocionais. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 24, n. 2, p. 207-214, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/QdhWHmR9PVyHs3bXgfLNCwP/?lang=pt>

SILVA, A. et al. Sleep quality evaluation, chronotype, sleepiness and anxiety of Paralympic Brazilian athletes: Beijing 2008 Paralympic Games. **British Journal of Sports Medicine**, v.46, p. 50–154, 2012. Disponível em: <https://bjsm.bmj.com/content/46/2/150.long>

SIMIM, M. A. M. et al. Load monitoring variables in training and competition situations: a systematic review applied to wheelchair sports. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.34, n.4, p. 466-483, 2017.

SMOLL, F. L.; SMITH, R. E.; CUMMING, S. P. Effects of Coach and Parent Training on Performance Anxiety in Young Athletes: A Systemic Approach. **Journal of Youth Development**, v. 2, n. 1, p. 19–36, 2007. Disponível em: <https://jyd.pitt.edu/ojs/jyd/article/view/358>

TEIXEIRA, C. L. **Análise da Ansiedade-estado pré-competitiva em atletas adolescentes de futsal Maringá**. Maringá: UEM, 1994. 55p. Monografia (Graduação em Educação Física) Universidade Estadual de Maringá, 1994.

VANLANDEWIJCK, Y. C.; THEISEN, D. M.; DALY, D. J. Field test evaluation of aerobic, anaerobic and wheelchair basketball skills performances. **International Journal of Sports Medicine**, v. 20, p. 548-554, 2001.

GONÇALVES, GA; VILAÇA, RCP; PAIXÃO, TJ; PEREIRA, BM; BICALHO, CCF; LAURIA, AA; OLIVEIRA, JRV; LÔBO, ILB
Perfil de ansiedade-traço em atletas de esportes adaptados. Revista Saúde, Corpo e Movimento, ano 1, v. 1, n. 1, 2022.
ISSN 2965-4017. Passos (MG).

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6a ed.
São Paulo: Artmed, 2017.

Recebido em: 22/09/2022

Aprovado em: 05/05/2023



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Saúde, Corpo e Movimento é a
licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)